



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1330

Considerações sobre presença do Hallel em Maringá – PR (1995-2015)

Mariane Rosa Emerenciano da Silva (LERR-UEM)
Dra. Vanda Serafim (orientadora LERR/PPH/UEM)

Resumo

A presente comunicação está vinculada ao Projeto de Iniciação Científica intitulado “A presença do Hallel em Maringá – Pr (1995-2015)” cuja problemática consiste em compreender a relação entre os movimentos leigos e a Igreja Católica pós Concílio Ecumênico do Vaticano II; analisar o contexto de surgimento do Hallel em Maringá, sendo realizado sua primeira edição no dia 30 de julho de 1995, organizado por um movimento de leigos da Igreja Católica o Projeto Mais Vida; contribuir ao estudo da história do catolicismo de Maringá e observar a repercussão do evento por meio das fontes periódicas, assim como observar por meio da pesquisa, a construção do movimento leigo e de seu papel na história da religião Católica de Maringá. As fontes utilizadas referem-se ao jornal impresso *O Diário do Norte do Paraná*. Os aportes teóricos iniciais da pesquisa são Jacques Le Goff (2013) e a discussão acerca dos documentos/monumentos, Roger Chartier (1991) e a noção de “representação” e Tania Regina de Luca (2008), por meio de suas reflexões sobre o trato metodológico para com jornais.

Palavras-chave: Hallel; Catolicismo; Maringá; jornais.

Financiamento: CNPQ.

O projeto sobre o Hallel de Maringá surge da tentativa de compreender as mudanças no papel do leigo, levando em consideração sua nova ação evangelizadora. Entendendo a Igreja Católica como uma instituição milenar é natural que esteja suscetível às mudanças históricas, em especial na atuação de seus agentes. Particularmente, no que concerne a formação leiga no pós Concílio Ecumênico do Vaticano II, convocado em 1961, com o intuito de fomentar a vida

cristã entre os fiéis, e adaptar-se melhor às necessidades que trazem essas mudanças na sociedade.

O próprio surgimento e estruturação da cidade de Maringá remete-se à este contexto. Planejada pela empresa Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná, em 10 de maio de 1947, Maringá foi elevada à categoria de município pela Lei nº 790, de 14 de fevereiro de 1951. A presença católica foi marcante na estruturação da cidade, não apenas do ponto de vista religioso, mas inclusive socialmente e politicamente¹.

O Hallel um movimento de música católica realizado por leigos, em que segundo seus idealizadores seria uma forma mais dinâmica de evangelização por meio da música e da dança, indo ao encontro de uma nova abordagem pela qual a Igreja procura atrair um maior número de fiéis e adeptos a sua crença².

A primeira edição do Hallel em Maringá³ foi realizada no dia 30 de julho de 1995 e sua organização desde então é organizada pelo Projeto Mais Vida, sua última edição aconteceu nos dias 8 e 9 de novembro de 2014, no qual completou a 20ª edição. O evento é realizado anualmente, o projeto em questão procura legitimar sua realização, inicialmente, por meio do jornal impresso *O Diário do norte do Paraná*. Levando em consideração os cuidados teóricos e metodológicos, Jacques Le Goff (2013) e a discussão acerca dos documentos/monumentos, Roger Chartier (1991) e a noção de “representação” e Tania Regina de Luca (2008), por meio de suas reflexões sobre o trato metodológico para com jornais são alguns aportes que nos auxiliam a pensar as especificidades das nossas fontes.

Considerando a reflexão teórica de Roger Chartier, no artigo *O mundo como Representação*, ao indicar que os textos ou a representação dos signos são uma representação da objetividade do homem que de forma intencional estipula o que quer representar, o historiador tem como função reconhecer essa intenção e a veracidade dos fatos. Por meio dos jornais poderemos analisar a intencionalidade que os idealizadores do Hallel tendem a demonstrar por meio desse veículo de

¹ Vide ROBLES, Orivaldo. A igreja que brotou da mata. Maringá: Ed. Dental Press, 2007.

² Vide PIERUCCI, A. F. Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

³ Na área da música, Maringá conta ainda com o maior festival de música do Sul, o Festival de Música Cidade Canção (Femucic); no mês de maio, em comemoração às festividades do aniversário do município, há uma feira agroindustrial, a "Expoingá", que conta com show a semana inteira; além do "Convite a Música", no qual semanalmente a Secretaria de Cultura disponibiliza espetáculos musicais gratuitos em teatros locais, como o Teatro Reviver.

comunicação, contrastando a sua manifestação prática de crenças e ritos, e não apenas discursiva.

Sendo assim, em nosso Projeto de Iniciação Científica buscamos compreender as formas pelas quais o sagrado se manifesta no mundo profano, em especial na cidade de Maringá-PR, entre 1995 e 2015. A manifestação religiosa do Hallel está vinculada também à experiência individual por meio de ritos, mitos ou crenças. Sobre este aspecto, Mircea Eliade na obra *História das crenças e das ideias religiosas* * I ressalta que, o sagrado seria um elemento na estrutura da consciência, e não somente uma fase desta. Diante disso, parece-nos imprescindível entender a organização do Hallel e seus usos da música, do canto e da dança, como formas de ligação com o sagrado.

Em *O sagrado e profano*, ao indicar o modo como deve operar o historiador das religiões, Eliade expõe que a análise deve ser feita considerando a inserção humana em mundo carregado de valores religiosos “O que nos interessa, acima de tudo, é apresentar as dimensões específicas da experiência religiosa, salientar suas diferenças com a experiência profana do mundo”. (ELIADE, 2010, p. 22). Para compreender a abordagem faz-se necessário a distinção na qual, segundo o autor, o sagrado é aquilo que se opõe ao profano, e o profano seria os elementos mundanos.

Reafirmando sua concepção de que, “A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado” (ELIADE, 2010, p. 13), o autor acredita que a partir do contato com o sagrado o indivíduo seria capaz de discernir a realidade da manifestação, que é vivida e apreendida de forma real e objetiva pela crente.

Visto que o homem como ser histórico sujeito as transformações no tempo, Dominique Julia (1995) afirma que, as mudanças religiosas só se explicam se admitirmos que as mudanças sociais produzam nos fieis modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de se um sistema religioso. Os conceitos de um catolicismo tradicional, ou imutável, que permanece com os mesmos rituais de sua origem não seriam viáveis para a análise das manifestações desta religião como é analisado por Bloch (2001) em *Apologia da História*.

O Hallel é um movimento que demonstra as transformações na sociedade e a necessidade de uma flexibilidade por parte da Igreja, no sentido de transformação e adaptação aos processos contínuos de mudanças na história.

Alphonse Dupront (1995) acredita que a ciência do homem religioso, não seria uma visão total do homem, no entanto seria uma das que mais apreendem, porque toda vida religiosa, seja individual ou coletiva, é chave de unidade. E ainda ressalta que “O fenômeno religioso pertence, do ponto de vista temporal, ao longo prazo”. (DUPRONT, 1995, p. 83). O Hallel visto como um movimento religioso, e realizado por leigos, mostra a mudança que ocorre tanto no espaço quanto no tempo na manifestação religiosa católica.

Essa manifestação nos leva novamente a análise do novo contexto da Igreja Católica pós Vaticano II. Assim a obra *O catolicismo popular na revista eclesialística brasileira (1963-1980)* de Solange Ramos de Andrade observa-se que:

Durante esse período ocorrem mudanças significativas a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II que, contrariamente aos princípios tridentinos, procurou adequar a Igreja católica ao mundo moderno, à conhecer o homem que vive nesse mundo, bem como suas manifestações, suas atitudes perante o sagrado e perante a própria Igreja. (ANDRADE, 2012, p. 19).

A autora ainda apresenta, que por intermédio do Concílio do Vaticano II, a igreja visa se adequar institucionalmente e até participar do mundo contemporâneo, e esse seria uma nova proposta de reformular a fé em linguagem nova de maneira compreensiva ao fiel. Neste sentido a proposta do Hallel busca atender a mudança e meios que a Igreja Católica de Maringá tem-se flexionada para atender os novos anseios de seus adeptos e não somente isso, mas, também a compreender a mentalidade e a posição que o indivíduo estipula para si em seu meio social. E principalmente a atividade exercida pelo novo papel do leigo na Igreja.

Para Jacqueline Hermann na obra *Domínios da História* (1997), seria Weber quem levaria às últimas consequências a noção de uma sociedade ideal e consolidaria a relação entre sociologia do conhecimento e sociologia das religiões, esse denomina a sociologia compreensiva para decifrar a racionalidade dos fenômenos religiosos, acreditava que toda a ação social poderia ser compreendida, seja racional a evidencia de compreensão, seja subjetiva. Mantendo ainda o critério de hierarquização das religiões tal como o judaísmo, o cristianismo e o

protestantismo, esse se contrapõe a Marx, que atrela a religião à luta de classes “na medida em que percebiam a religião como uma ilusão destinada a mascarar e a justificar a desigualdade entre as classes sociais, cuja, origem tinha bases eminentemente econômicas.” (HERMANN, 1997, p. 334). Para a autora Marx pouco teria contribuído para a valorização da história das religiões, mantendo uma análise formal e subordinada dos fenômenos religiosos.

Paralelamente, ocorre uma construção e uma distinção dos objetivos da sociologia religiosa e da história das religiões. A primeira inseriu suas preocupações com, o fenômeno religioso na busca de leis gerais do funcionamento da sociedade, a segunda passou a ter um objeto específico: a origem das religiões, de lado, e a essência da vida e do homem religioso, do outro. Hermann (1997) cita o trabalho de Eliade, *O Sagrado e o Profano, a essência das religiões*, no qual analisa as estruturas dos fenômenos religiosos para compreender a essência da religião.

Ao estudar história das religiões, a manifestação do sagrado no mundo profano, está vinculada a toda experiência individual por meio de ritos, mitos ou crenças. “O sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência.” (ELIADE, 2010, p.13). Visto que a ciência da religião busca não somente analisar a experiência do sagrado individual, mas também da sociedade em sua totalidade.

Mircea Eliade (2010) em *O Sagrado e Profano* relata a manifestação do sagrado desde as sociedades primitivas as mais elaboradas constituídas de hierofanias:

A manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofanias suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” - de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 2010, p. 17)

O conceito de ‘sagrado’ se torna relevante, uma vez que, o Hallel, sendo um movimento católico, apresenta a presença do sagrado no Santíssimo Sacramento, como representação do Deus Vivo, e para atingir o sagrado os indivíduos expressam-se por meio da música. Sobre este aspecto é salutar a explicação de que “manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico

envolvente”. (ELIADE, 2010, p. 18). O homem como ser histórico sujeito as transformações no tempo, assim refletida na história das religiões:

As mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fieis, modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos. A densidade de populações, as comunicações mais ou menos extensas, a mistura de raças, as oposições de textos, de gerações, de classes, de nações, de invenções científicas e técnicas, tudo isso age sobre o sentimento religioso individual e transforma, assim a religião... (MAUSS, HUBERT apud JULIA 1995 p.106).

A tentativa de pensar um catolicismo homogêneo, ou imutável, e que permanece com os mesmos rituais e explicações de sua origem, não seria viável para a análise histórica. O Hallel é um movimento que reflete tal mudança na sociedade e na necessidade de uma flexibilidade por parte da Igreja de transformação e adaptação aos processos contínuos de mudanças na história. Assim, conforme apontado por Bloch (2001) “Indispensável, é claro, a uma correta percepção dos fenômenos religiosos atuais, o conhecimento de seus primórdios não basta para explicá-los”. E continua sua reflexão, “Por mais intacta que suponhamos uma tradição, faltará sempre apresentar as razões de sua manutenção. Razões humanas, é claro; hipótese de uma ação providencial escaparia a ciência”. (BLOCH 2001, p.58) A mudança que ocorre na mentalidade do homem, e em sua concepção de mundo ocasionara uma mudança na estrutura e na manutenção de suas crenças e ritos e religiosos, o catolicismo por sua vez ainda apresenta seus fundamentos de origem, no qual apresenta o sagrado “Cristo”, no entanto ocorre a manutenção na religião de como atingir o sagrado, ou estar na presença do mesmo.

Alphonse Dupront (1995) menciona, que a ciência do homem religioso. É sem dúvida uma observação parcial sobre a totalidade da existência humana, mas umas das que mais apreendem, porque toda vida religiosa, seja individual ou coletiva, é chave de unidade. “O fenômeno religioso pertence, do ponto de vista temporal, ao longo prazo. Mais ainda: as suas transformações, mesmo a sua evolução, são muito lentas, no que se refere aos hábitos adquiridos e à visão do mundo”. (DUPRONT, 1995, p. 83). Segundo o autor o Vaticano II, seria uma assimilação lenta das purezas religiosas da Reforma, assimilando a experiências religiosas do homem, que vive esse processo lento de mutação.

Entretanto, esse processo caracteriza as escolhas do que seria real para o indivíduo, reafirmado as estruturas de sua consciência em relação ao sagrado:

É difícil imaginar de que modo o espírito humano poderia funcionar sem a convicção de que existe no mundo alguma coisa irreduzível real; e é impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir significado aos impulsos e às expectativas do homem. A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado. Por meio da experiência do sagrado, o espírito humano captou a diferença entre o que se revela real, poderoso, rico e significativo e o que é desprovido dessas qualidades, isto é, o fluxo caótico e perigoso das coisas, seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido. (ELIADE apud ELIADE, 2010, p. 13).

Mircea Eliade (2010) busca descrever as modalidades do sagrado e a condição humana em um mundo carregado de valores religiosos. Ao analisar o Hallel no processo histórico da religião Católica e sua transformação e adaptação da realidade do homem para com o significado do sagrado, mostrando a sociedade contemporânea e suas perspectivas de realidade e expectativa individual e coletiva. Pois a presença do sagrado e profano depende justamente das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmo, no qual seria necessário para conhecer as dimensões possíveis da existência humana.

O Hallel de Maringá possibilita a utilização copiosa de fontes, como, por exemplo, fontes escritas; periódicos, fontes orais; entrevistas, e fontes audiovisuais; fotografias e vídeos. Visto, a copiosidade de fontes no o Hallel pode ser estudado, o projeto em questão, estará direcionado à pesquisa de fontes escritas, por meio dos periódicos, pensando principalmente na análise do jornal impresso *O Diário do Norte do Paraná*, na qualidade de identificação e legitimação do evento e sua propagação no decorrer do dos anos.

Le Goff na obra *História e Memória* explica que:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF 2013, p. 485).

O historiador deve levar em consideração, que a preservação da história ou sua reprodução, ou seja, o que sobrevive na história, está vinculada a vários fatores, como, por exemplo, a condição do homem como ser histórico, preserva e transmite sua história (memória), visto, que esse pode

decidir o que preservar, o que transmitir, como preservá-la e como transmiti-la, outra questão, seria a escolha do historiador, e os fatores envolvidos do seu objeto de estudo, como, e o porquê, escolhê-lo, preservá-lo e transmiti-lo como história, e por último as condições temporais, a ação do tempo sobre o objeto de pesquisa, e sua preservação material. Segundo Le Goff (2013), a história está relacionada, a qualquer expressão ou manifestação da presença do homem, direcionando, um significado amplo sobre o documento, no qual, o historiador pode trabalhar.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os exames de pedras feitas pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF 2013, p. 490).

Em primeira instância, ao analisar fontes como jornais impressos e online, como já apresentado pela Escola dos *Annales*, nos afastamos da concepção de que existiriam “documentos oficiais”, mais verdadeiros, em detrimento de outros. As fontes históricas podem ser qualquer indício que permita compreender a história humana, ligada a ação do homem. Desse modo, os jornais tornam-se documentos por meio do qual os historiadores podem produzir conhecimento científico, sua aceitação. Como relata Tania Regina de Luca em *História dos, nos e por meio dos periódicos*, a “A crítica a essa concepção, realizada já na década de 1930 pela chamada Escola dos *Annales*, não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo”. (LUCA, 2005, p.112)

Com a terceira geração do *Annales*, ocorre uma mudança no conceito de documento devido ao alargamento do campo de preocupação dos historiadores que incluíam uma miríade de questões antes ausentes do território da História. “Tais mudanças alteram a própria concepção de documento e sua crítica, cujos pontos essenciais foram sistematizados pelo historiador francês Jacques Le Goff”. (LUCA, 2005, p. 113). Reformulando os métodos de como pesquisar e analisar história, Jacques le Goff e Pierre Nora, em uma demonstração dessa nova preocupação do historiador, compilam o que é chamado de, *Novos Problemas, Novas Abordagens e Novos Objetivos*, com intuito de expor e suprir a carência no modo de pesquisar

história, enfatizando a relação interdisciplinar, expandindo o conceito 'documento'. O historiador Charles Samaran afirma: "Não há história sem documentos", com esta precisão: Há que tomar a palavra 'documento' no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira". (SAMARAN apud LE GOFF 2013, p. 490). Qualquer ação do homem no tempo, seus indícios e vestígios, sejam, os escritos, as imagens, os sons, entre outros, devem ser motivos de indagações para o historiador, e no sentido mais amplo, são documentos para o historiador.

Tendo conhecimento das metodologias utilizadas, o pesquisador enquanto historiador deve levar em consideração a intencionalidade dos documentos e as formas de compreensão e apreensão variáveis, que um documento pode apresentar. Chartier (1991) relata que, existem significações múltiplas e moveis em um texto no qual deve ser levado em consideração, isso ocorreria dependendo do meio que os leitores recepcionam a informação. O que leva a espelhar a notícia ao meio veiculado. "O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos - sob formas impressas possivelmente diferentes - podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos". (CHARTIER, 1991, p. 181). O autor, revela que ocorre uma construção do sentido por meio de textos ou ainda pode-se dizer através da representação dos signos e sua manipulação, considerando a objetividade do homem e se esse tem a consciência da intenção ao representar os signos, o historiador tem como função reconhecer a veracidade do documento. Le Goff (2013) faz o seguinte apontamento sobre os documentos:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2013, p. 496-497).

A sistematização de documento tem uma transformação tal como da própria historiografia. Juntamente com o documento a noção de monumento se transforma no decorrer da História. A memória construída pela sociedade segundo Le Goff (2013) se aplicam em: documentos e monumentos. "Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado e os documentos, escolha do historiador". (LE GOFF 2013, p. 485). Apesar da revolução documental *Annales* davam início a críticas da passividade dos

historiadores perante seus documentos. Visto que nenhum documento é inócuo, o historiador deve ser sensível às possibilidades implícitas em um documento, por muitas vezes acontecendo por parte do mesmo uma confirmação do que se quer ouvir, ou seja, uma análise, já preconcebida, do seu objeto de estudo, resultando exatamente numa intencionalidade irreduzível que o próprio historiador impõe a sua pesquisa. Isso, nos leva a perceber que, o historiador deve ser flexível e imparcial em sua pesquisa.

A leitura dos documentos Não serviria, pois, para nada se fosse com ideias preconcebidas [...]. A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos. (LE GOFF 2013, p. 487).

Se todo documento tem sua intencionalidade, e podemos observar que, por muitas vezes, o próprio historiador se declina a uma intencionalidade, o tratamento do historiador com as fontes impressas, ou veículo informativo, deve ter cuidados específicos. Luca (2008) especifica a tendência da imprensa de endossar informações aproximando do objetivo do transmissor, acentuando a interferência do homem na efetividade do documento. Apresentando a escolha do homem na perpetuação da história. Ao escolher a imprensa como fonte histórica reconhece-se a intervenção da mesma na sociedade, pautando todas as implicações que acarretam as notícias veiculadas.

A escolha de um jornal como objetivo de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção social: nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”. (CAPELATO e PRADO apud LUCA, 1991, p. 118).

A autora ainda ressalta que, “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”. (LUCA, 1991, p.140).

É de importância considerar as condições materiais e técnicas dotadas pela imprensa na tentativa de compreender a intencionalidade e transformação do impresso. “Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a

fonte escolhida numa serie, uma vez que esta não se constitui em um objetivo único e isolado". (LUCA, 1991, p 139,140).

Expostas ideias acima, ao tomar o jornal *O Diário do Norte do Paraná* como fonte histórica, podemos levantar algumas considerações sobre a presença do Hallel em Maringá Pr.

A origem do nome Hallel ainda nos causa dúvidas, no jornal *O Diário do Norte do Paraná*, a primeira vez que surge a questão de origem do evento sugere que esse é de origem hebraica, e em uma segunda apresentação do nome sugere que esse é de origem aramaica.

O Bispo D. Jaime Luiz Coelho (1995) relata, a seguinte definição:

Da língua hebraica onde o louvor é traduzido de forma mais característica como "HILLEL". É uma explosão de hinos e cantos de louvor com o qual designava, na antiga sinagoga, um grupo de Salmos (Sal 113-118), os quais se utilizavam especialmente em circunstâncias solenes e festivos. O mesmo se vê na tradição rabínica, de um "grande" Hallel (COELHO, 1995, p.2).

No ano de 2010, em outra matéria de *O Diário do Norte do Paraná*, vemos a seguinte definição para a palavra Hallel, "O Hallel (palavra de origem aramaica significa "cânticos de louvor a Deus"). (O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 2010, p. A6). Definição vista também, no site do Hallel de Maringá⁴. Ao observar essa mudança na origem do nome Hallel, sugerimos uma futura investigação no que se refere a alteração da etimologia linguística da palavra Hallel.

A primeira edição do Hallel foi realizada no dia 30 de julho de 1995, e sua última edição de nº20, foi realizada nos dias 8 e 9 de novembro de 2014. Realizado por um movimento de leigos, O Projeto Mais Vida, "A organização do evento está sob a direção dos integrantes do Projeto Mais Vida, que surgiu através da união de um grupo de jovens frequentadores da Catedral" (O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 1997, p. D-06). Ao analisarmos os jornais, podemos ver a crescente presença do evento na cidade de Maringá e região, em sua segunda edição (1996) o evento contava com uma estimativa de aproximadamente 20.000 participantes, e em sua última edição (2014) a estimativa é de aproximadamente 100.000 participantes, que segundo o jornal *O Diário*, são de várias regiões do país. O evento possui um grande número de atividades, que segundo seus idealizadores, seriam novos meios

⁴ Vide <<http://www.hallelmaringa.com.br/about/historia/>> Acesso em: 13 de mai. de 2015.

de evangelização, dentre as atividades, o evento possui, música, dança, teatro, pregações, missas, palestras, entre outras. Assim podemos perceber, as manifestações criadas pelo homem para poder estar em contato com o sagrado, de se sentir na presença dele, e como parte dele. Essas manifestações, nos direciona a necessidade que a Igreja tem de realizar mudanças em suas práticas de evangelização, para ir ao encontro dos novos anseios dos seus fiéis.

O catolicismo na cidade de Maringá possui uma presença marcante, assim, o estudo sobre o Hallel estará voltado a tentativa de compreender a manifestação de uma nova proposta evangelizadora da religião Católica, levando em consideração a aceção de um novo do papel do leigo o de evangelizador-evangelizado. A proposta de analisar, os periódicos como fonte, está vinculada a tentativa de encontrar informações sobre a realização do evento, assim como observar a propagação em busca dessa nova forma de evangelização.

Referências

- _____. LA SANTA SEDE, **Documentos do Concilio do Vaticano II**. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html> Acesso em: 17 nov. 2014.
- ANDRADE, Solange Ramos de. **O catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012. 296p.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. O ídolo das origens. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Estudos avançados USP**, São Paulo, v. 5, n.11, p. 174-191. 1991.
- DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História Novas Abordagens**, Rio de Janeiro, F Alves, 1995.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. Prefácio. **História das crenças e das ideias religiosas * I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**, Rios de Janeiro: Zahar, 2010.
- HERMANN, Jacqueline. **História das religiões e das religiosidades** in: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo, Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia, Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História Novas Abordagens**, Rio de Janeiro, F Alves, 1995.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **História e Memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2013.
- LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes Históricas**, 2. Ed. São Paulo. editora contexto, 2008.

PIERUCCI, A. F. Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

ROBLES, Orivaldo. *A igreja que brotou da mata*. Maringá: Ed. Dental Press, 2007.

Fonte impressa: *O Diário do Norte do Paraná*.